

SIMONE LOPES PEREIRA

**MACHADO DE ASSIS:
INTRODUÇÃO À VIDA E À OBRA
INTERTEXTO BÍBLICO DA OBRA ESAÚ E JACÓ
ANÁLISE DE CONTOS MACHADIANOS**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS
NÚCLEO DE APOIO: SANTA CRUZ
JABOTICABAL – SP**

2011

SIMONE LOPES PEREIRA

**MACHADO DE ASSIS:
INTRODUÇÃO À VIDA E À OBRA
INTERTEXTO BÍBLICO DA OBRA ESAÚ E JACÓ
ANÁLISE DE CONTOS MACHADIANOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação São Luís, como exigência parcial para a conclusão do curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Língua Portuguesa, compreensão e produção de textos.
Orientadora: Prof^a. Dra. Lucia H. Vasques

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO SÃO LUÍS
NÚCLEO DE APOIO: SANTA CRUZ
JABOTICABAL – SP**

2011

“O olho do homem serve de fotografia ao invisível, como o ouvido serve de eco ao silêncio.”

(Machado de Assis)

RESUMO

A opção pela pesquisa da vida e da obra de Machado de Assis, como objeto de estudo em um trabalho de conclusão de curso, além de estar firmemente associada à natureza do curso de pós-graduação em Língua Portuguesa, foi, principalmente, fruto do interesse e da necessidade de conhecimento mais profundo sobre a história de um dos maiores nomes da literatura brasileira, quiçá mundial.

Tal estudo tem o condão de aguçar o nosso próprio interesse sobre o trabalho de Joaquim Maria Machado de Assis, um dos maiores nomes de nossa Literatura, que outrora fora associado ao nosso vil sentido de obrigação de leitura de suas obras, em tempos de cursos pré-vestibulares, e que, doravante, conforme o desenvolvimento deste trabalho, despertará o interesse pelo conhecimento de seu legado, de modo a compreender um pouco os pensamentos, o modo de vida, a trajetória, e captar um pouco sobre a mente e a alma do escritor, bem como o contexto histórico no qual viveu, no século XIX, e que influenciou o seu desenvolvimento literário, cujo trabalho, de tão importante, passou a ser identificado sob o adjetivo “machadiano”, comumente utilizado pela crítica e pelo público. Em linhas gerais, este trabalho traduz-se no desejo de compreender com maior profundidade a vida e o legado de Machado de Assis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
1 CRONOLOGIA DA VIDA E DA OBRA DE MACHADO DE ASSIS.....	9
1.1 Nascimento e infância no Rio de Janeiro.....	9
1.2 Os primeiros trabalhos.....	10
1.3 O casamento com Carolina.....	11
1.4 A carreira de funcionário público e a evolução de sua obra literária.....	12
1.5 Academia Brasileira de Letras.....	14
2 O LEGADO DE MACHADO DE ASSIS.....	16
2.1 Coletânea de poesias.....	16
2.2 Coletânea de contos.....	16
2.2.1 Principais contos.....	16
2.3 Peças de teatro.....	17
2.4 Principais romances.....	18
3 O INTERTEXTO BÍBLICO NO ROMANCE ESAÚ E JACÓ.....	23
3.1 A estrutura do romance.....	23
3.2 Contexto religioso.....	26
3.3 Comparativo da obra com a Bíblia.....	27
4 CONTOS MACHADIANOS.....	31
4.1. Análises sintetizadas.....	31
5 O INÍCIO DO REALISMO.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35

REFERÊNCIAS.....36

ANEXO.....37

INTRODUÇÃO

O presente trabalho será desenvolvido mediante pesquisa, descrição e análise cronológica da vida e da produção literária de Machado de Assis.

Inicialmente, será dado destaque ao período que vai de seu nascimento e infância, até a juventude, momento em que, já atraído pela necessidade de conhecimento, deixou a família e começou a escrever seus primeiros trabalhos, alguns a serviço de jornais de grande circulação na época, além de poemas e peças teatrais, e passou a sedimentar as bases de seu conhecimento literário, inclusive com o aprendizado de outras línguas, como o inglês e o francês, que, segundo alguns de seus biógrafos, se deu de forma autodidata.

Ao longo, portanto, do primeiro capítulo deste trabalho, também abordaremos a cronologia de suas principais obras, entremeadas a alguns dos mais importantes acontecimentos da sua vida, tais como o casamento longo, a carreira de funcionário público, a influência de amigos famosos no cenário da literatura de sua época, a fundação e a presidência da Academia Brasileira de Letras, bem como os gêneros de escrita que escolheu para o desenvolvimento de seu legado literário.

No capítulo 2, serão elencados os principais trabalhos de Machado de Assis ao longo de sua vida, de forma cronológica, dentre cada um dos vários gêneros literários que encampam a valiosa contribuição deste insigne mestre de nossa Literatura, cuja obra será sempre sinônimo de genialidade e importância para leitores de todos os tempos.

Ademais, será feita uma análise sintetizada de quatro obras machadianas, a saber, Ressurreição, primeiro romance, publicado em 1872, seguido por A Mão e a Luva (1874), Helena (1876) e Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881), os três primeiros talvez pouco conhecidos pelos leitores, em comparação a outras obras, merecidamente consagradas, tais como Dom Casmurro e Memórias Póstumas de Brás Cubas.

Adentrando o capítulo 3, merecerá destaque a obra Esaú e Jacó, com seleção de textos nos quais o autor deixa claro o intertexto bíblico, num constante diálogo entre religião e literatura.

Por fim, no capítulo 4, será feita a análise de três contos machadianos: O Espelho, A Missa do Galo e Um Apólogo, de forma a demonstrar a riqueza e a atualidade da ficção deste ícone de nossa Literatura.

1 CRONOLOGIA DA VIDA E DA OBRA DE MACHADO DE ASSIS

1.1. Nascimento e infância no Rio de Janeiro

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu numa casa modesta, no Morro do Livramento, zona portuária do Rio de Janeiro, em 21 de junho de 1839, e foi o primogênito do pintor e artesão Francisco José de Assis e da costureira Maria Leopoldina Machado de Assis, ele filho de escravos, ela natural da Ilha de São Miguel, no arquipélago dos Açores, em Portugal.

Com expectativa média de vida na casa dos 34 anos, a cidade do Rio de Janeiro, com pouco menos de 200 mil habitantes, metade composta por escravos, passava por momentos difíceis, com precários sistemas de saneamento básico e transporte.

A família vivia em uma casa que pertencia a Maria José de Mendonça Barroso, senhora muito rica, viúva do senador Bento Barroso Pereira, e que veio a ser madrinha de Machado de Assis, falecendo quando este contava com seis anos de idade, no mesmo ano em que perdera sua irmã mais nova, ambas vítimas de sarampo.

Os pais de Machado de Assis sabiam ler e escrever, o que era raro naquela época, e, em razão disso, pode ter sido a mãe que o alfabetizou, até os idos de sua morte, em 1849, vítima de tuberculose.

Cinco anos mais tarde, Francisco José casou-se novamente com Maria Inês da Silva, sendo que sobre ela pouco se sabe.

Há muita especulação sobre os ofícios exercidos por Machado de Assis quando ainda jovem, podendo-se indicar os mais citados, a saber, engraxate, coroinha e vendedor de balas e doces feitos em casa por sua madrasta.

Foi na infância que a epilepsia, doença que o acompanhou e o constrangeu por toda a vida, passou a se manifestar.

Poucas são as informações sobre esta época da vida de Machado de Assis, na qual, há evidências, teria deixado o pai e se mudado para o centro da cidade.

Em que pese a infância humilde e a saúde frágil, não se sabe ao certo se frequentou escolas. Contudo, aos 20 anos de idade já dominava a língua escrita e o idioma francês, o que foi de muita valia para a leitura de obras até então sem

tradução para o português, bem como para o seu ingresso no cenário intelectual da Corte.

Pouco foi escrito sobre a forma como um menino pobre e doente conseguiu vencer tantas adversidades e se desenvolver, transpondo um destino que parecia óbvio diante das circunstâncias e desvantagens que a vida lhe impôs.

Também teria trabalhado no comércio, e uma de suas primeiras funções seria a de caixeiro em uma loja de papel. Mais tarde, conheceu Francisco de Paula Brito, dono de uma livraria e tipografia, onde trabalhou como caixeiro e, pouco depois, revisor de provas. O local seria ponto de encontro de políticos e escritores em evidência naquela época, bem como de jovens que aspiravam a um futuro literário.

As origens de Machado de Assis o retratam em posição antagônica a de Brás Cubas, um de seus mais célebres personagens, o qual, filho de família abastada, criado com luxo, se formou em Direito na Universidade de Coimbra, Portugal, mas, no entanto, em situação diametralmente oposta a de seu criador, nada realizou, como confessa no último capítulo de suas Memórias Póstumas.

1.2. Os primeiros trabalhos

Em 1855, aos 16 anos, publicou seu primeiro poema, intitulado Ela, no jornal Marmota Fluminense, e foi contratado como aprendiz pela Tipografia Nacional, momento em que iniciou sua aproximação com José de Alencar e outros literatos ilustres, tais como Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu e Manuel Antônio de Almeida, momento a partir do qual Machado passou a intensificar a colaboração em jornais, a composição de poemas e a produção teatral.

Nos idos de 1858, o menino que praticamente não tivera escola, já corrigia, como revisor de provas, no jornal Correio Mercantil, os erros de português de jornalistas profissionais, muitos deles escritores famosos. Naquele mesmo ano, o seu primeiro conto, Três tesouros perdidos, foi publicado no jornal Marmota Fluminense e em 1860 foi contratado pelo jornal Diário do Rio de Janeiro, a convite do amigo Quintino Bocaiúva, onde escreveu crônicas, notas e transcreveu matérias da imprensa estrangeira.

Especula-se que Machado de Assis tenha sido autodidata, e que o seu interesse na aquisição de conhecimento, embora desprovido de recursos para adquirir bons livros ou frequentar instituições de renome, o levou a dominar não somente o

português, mas também o francês e o inglês, além do aprofundado conhecimento de filosofia, qualificações que o teriam aproximado de figuras ilustres em sua época, cujas influências foram determinantes para o desenvolvimento e o progresso de sua carreira.

Em 1863, iniciou colaboração no *Jornal das Famílias*, editado por B. L. Garnier, que mais tarde seria o editor de sua obra. Para este periódico escreveu diversos contos, até 1878, entre eles *O Segredo de Augusta*, em 1868.

Em 1864, aos 25 anos de idade, Machado de Assis lançou o seu primeiro livro, a coletânea de poemas *Crisálidas*, na qual reuniu parte da poesia publicada em jornais, além de traduções. Nesse mesmo ano, Machado decidiu incrementar sua carreira de contista, publicando histórias no *Jornal das Famílias*, utilizando-se de vários pseudônimos.

Nessa época de sua vida, com 25 anos, Machadinho, como era chamado pelos amigos, já era conhecido como jornalista, crítico literário, autor e crítico teatral, além de cronista e tradutor – traduziria *Oliver Twist*, de Charles Dickens e *o Corvo*, de Edgar Allan Poe.

Porém, como ansiava um emprego que lhe desse maior estabilidade financeira e condições para escrever sua obra, aceitou ser nomeado, pelo Ministro Zacarias de Góis, ao cargo de ajudante do diretor do *Diário Oficial*, dando início, em abril de 1867, à carreira de funcionário público, que seria, a partir de então, conduzida paralelamente à carreira de escritor, por toda a vida.

Foi nesta época que o Imperador D. Pedro II o agraciou com o grau de Cavaleiro da Ordem da Rosa, por “relevantes serviços prestados às terras pátrias” e, em 1869, firmou contrato com B.L. Garnier, para a publicação dos livros *Contos Fluminenses*, entre eles *O Segredo de Augusta* e *Falenas* (poemas).

1.3. O casamento com Carolina

Outra pessoa importante na vida de Machado de Assis foi Faustino Xavier de Novais, que veio para o Brasil com sua família, quando já era muito conhecido como um grande poeta português. No Brasil, frequentava os mesmos grupos de Machado. Foi por meio de sua amizade com Faustino que Machado conheceu Carolina Augusta Xavier de Novais (irmã caçula de Faustino) que se tornou o grande amor de sua vida, sua musa inspiradora.

Com a morte de Faustino, em 16 de agosto de 1868, Machado se reaproxima de Carolina e conhece Miguel e Adelaide, também seus irmãos.

Carolina e Machado casaram-se no dia 12 de novembro de 1869 e, em janeiro de 1870, logo após o casamento, Machado publica *Falenas* (coletânea de poemas) e *Contos Fluminenses* (coletânea de contos). Entretanto, diversamente do que ocorreu com a obra *Crisálidas*, coletânea de poemas publicada em 1864, recebeu crítica mais rigorosa, o que teria redundado em baixa vendagem, contudo, não foi o bastante para que desistisse.

Assim, continuou colaborando para o *Jornal das Famílias* e servindo como auxiliar de direção no *Diário Oficial*, contando com a ajuda de Carolina, que revisava os seus textos e, segundo alguns relatos, o teria estimulado a ler autores portugueses mais modernos à época, tais como Eça de Queiroz e Almeida Garrett.

Contudo, apesar da felicidade conjugal, o casal passava por muitas dificuldades financeiras, além de outro grave problema: os ataques epilépticos de Machado. Não se sabe se teve crises anteriores a 1870, mas muito não se sabe também sobre outros aspectos de sua biografia, exceto os vinculados à sua carreira jornalística e literária. Consta que Machado tinha muita vergonha de sofrer tais ataques em público, preferindo que as pessoas que o socorressem de uma crise não o esperassem acordar.

Viveram juntos por 35 anos, até a morte de Carolina, em sua última morada, na Rua Cosme Velho, 18, no Rio de Janeiro, em uma casa que, infelizmente, não existe mais. Consta que viveram uma vida tranquila, de amor e companheirismo, não sendo raras as demonstrações de admiração e ternura que nutria pela esposa.

Carolina teve importância decisiva na vida de Machado de Assis, pois ao longo do período em que estiveram casados, o escritor teve o apoio e a serenidade necessários para a criação de sua obra.

1.4. A carreira de funcionário público e a evolução de sua obra literária

No serviço público Machado de Assis foi nomeado para o cargo de Primeiro Oficial da Secretaria de Estado do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, em 1873, um ano após a publicação de seu primeiro romance, *Ressurreição*, obra que, mais adiante, será analisada neste trabalho.

A partir de então, ao adquirir estabilidade financeira, pôde dedicar-se mais à criação literária e, em 1874, publicou o segundo romance, *A Mão e a Luva*, após circulação, no mesmo ano, em formato de folhetim, no jornal *O Globo*, de Quintino Bocaiúva.

O terceiro romance, *Helena*, que teria sido o mais elogiado de seus livros, até então, foi publicado em 1876, ano em que foi promovido a chefe da Segunda Seção da Secretaria de Agricultura, por decreto assinado pela Princesa Isabel. O último romance desta fase, *Iaiá Garcia*, foi publicado em 1878.

Em 1880, foi nomeado para o cargo de Oficial de Gabinete do Ministro da Agricultura e, um ano após, publicou o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, considerado não somente o marco introdutório do Realismo no Brasil, passando a desenvolver em sua ficção uma análise psicológica e universal, introduzindo um modo de escrever caracterizado pela busca da verdade, mas também um divisor de águas na produção machadiana, representando a maturidade de sua obra.

De janeiro de 1885 a fevereiro de 1886, circulou, em folhetins, na revista carioca *Estação*, a obra *Casa Velha*, cuja publicação em volume ocorreu somente em 1943, graças aos esforços da crítica literária Lúcia Miguel Pereira, em edição na qual foi responsável pela introdução crítica.

Já em 1888, mediante decreto imperial, Machado de Assis foi elevado à categoria de Oficial da Ordem da Rosa, quando passou a ser conhecido como o Sr. Comendador Machado de Assis.

Em 1891, dois anos após ter circulado na forma de folhetim, no periódico *A Estação*, foi publicado em volume o romance *Quincas Borba*, e em 1892 obteve nova promoção na carreira pública, para Diretor Geral da Viação.

Em 1897 foi inaugurada a Academia Brasileira de Letras - ABL, com a colaboração de ilustres nomes da cena literária, tais como Aluísio Azevedo, José Veríssimo, Olavo Bilac, Rui Barbosa e Silvio Romero, e teve Machado de Assis como um de seus fundadores, sendo eleito o seu primeiro Presidente, posição que ocupou até a sua morte, em setembro de 1908.

Entre 1899, ano da publicação do romance *Dom Casmurro* e da coletânea de contos *Páginas Recolhidas*, e 1904, ano em que falecera a esposa Carolina e que fora publicada a obra *Esaú e Jacó*, cuja análise também será objeto deste trabalho, Machado de Assis exerceu o cargo de Diretor Geral de Contabilidade do Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas.

Seu último livro de contos, *Relíquias da Casa Velha*, foi publicado em 1906, época em que Machado já não estava bem de saúde, principalmente por conta das cada vez mais frequentes crises de epilepsia, e debilitado por conta da perda da amada esposa.

Apesar de todas as adversidades, ainda teve forças e inspiração para escrever o derradeiro romance, *Memorial de Aires*, publicado em 1908, e logo após Machado se licenciou, no Ministério da Viação, para tratamento de saúde.

Aos 29 de setembro de 1908, com sessenta e nove anos de idade, em decorrência de arteriosclerose, faleceu o romancista, poeta, jornalista, cronista, dramaturgo, contista, folhetinista e crítico literário Joaquim Maria Machado de Assis, na mesma cidade onde nasceu, viveu, escreveu e produziu um dos maiores legados da história da Literatura Brasileira e, segundo o crítico Alfredo Bosi, “à medida que a sua obra for traduzida para as principais línguas cultas, crescerá a probabilidade de seu nome incluir-se entre os maiores narradores do século 19”¹.

O discurso de despedida coube a Rui Barbosa, numa cerimônia com honras destinadas a figuras ilustres, visto que Machado de Assis era um dos homens mais importantes no Brasil daquele século.

1.5. Academia Brasileira de Letras

No final do século XIX, escritores e intelectuais brasileiros decidiram criar uma instituição literária nacional nos moldes da Academia Francesa. Devido ao êxito social e cultural da *Revista Brasileira*, de José Verissimo, foi possível colocar em prática a ideia de fundar a Academia Brasileira de Letras. A iniciativa foi tomada por Lúcio de Mendonça, concretizada em reuniões preparatórias que se iniciaram em 15 de dezembro de 1896, sob a presidência de Machado de Assis (eleito por aclamação), na redação da *Revista Brasileira*. Nessas reuniões, foram aprovados os estatutos da Academia Brasileira de Letras, a 28 de janeiro de 1897, compondo-se o seu quadro de quarenta membros fundadores.

Foram necessários sete meses até que, em 20 de julho de 1897, a primeira sessão da ABL fosse realizada. Machado, pelo prestígio literário, que o fazia ser o centro da roda nos debates da Garnier e da Laemmert, e por se afastar da política

¹ *In Folha Explica Machado de Assis*, Publifolha, 2002, p. 8.

como forma panfletária, seria por consenso natural o primeiro presidente e ocuparia a cadeira de número 23. Seu discurso de posse teve a brevidade e objetividade como características.

A ABL era muito distinta da atual em alguns aspectos. Não havia sede e as reuniões nos primeiros anos foram realizadas na redação da Revista Brasileira ou em jantares sofisticados. Mais tarde, com o fim da revista em 1899, a ABL sucessivamente ocuparia salas da Academia de Medicina, do escritório do advogado e acadêmico Rodrigo Otávio, e só em 1923, graças a uma doação do governo francês, teria sua sede definitiva no Rio de Janeiro, num prédio réplica do Petit Trianon de Versailles, cuja construção ocorreu no ano anterior, para abrigar o pavilhão da França na Exposição Internacional Comemorativa do Centenário da Independência do Brasil.

Machado de Assis devotou-se ao cargo de presidente durante 10 anos, até a sua morte, e não por acaso a academia foi nomeada “Casa de Machado de Assis”, cuja estátua de bronze está localizada em sua fachada.

Atualmente, a Academia abriga coleções de Olavo Bilac, Manuel Bandeira e de muitos outros renomados escritores, além de uma rara edição de Os Lusíadas, de 1572.

Também sedia o “Espaço Machado de Assis”, que se destina ao estudo de sua vida e obra e guarda objetos pessoais do escritor.

2 O LEGADO DE MACHADO DE ASSIS

2.1 Coletânea de poesias

- **Crisálidas (1864)**
- **Falenas (1870)**
- **Americanas (1875)**
- **Ocidentais (1880)**
- **Poesias Completas (1901)**

2.2 Coletânea de contos

- **Contos Fluminenses (1870)**
- **Histórias da Meia-Noite (1873)**
- **Papéis Avulsos (1882)**
- **Histórias sem Data (1884)**
- **Várias Histórias (1896)**
- **Páginas Recolhidas (1899)**
- **Relíquias da Casa Velha (1906)**

2.2.1 Principais contos

- **A Cartomante**
- **Miss Dollar**
- **O Alienista**
- **Teoria do Medalhão**
- **A Chinela Turca**
- **Na Arca**
- **D. Benedita**
- **O Segredo do Bonzo**
- **O Anel de Polícrates**
- **O Empréstimo**
- **A Sereníssima República**

- **O Espelho**
- **Um Capricho**
- **Brincar com Fogo**
- **Uma Visita de Alcibíades**
- **Verba Testamentária**
- **Noite de Almirante**
- **Um Homem Célebre**
- **Conto de Escola**
- **Uns Braços**
- **O Enfermeiro**
- **Trio em Lá Menor**
- **O Caso da Vara**
- **Missa do Galo**
- **Almas Agradecidas**
- **A Igreja do Diabo**
- **Um Apólogo**

2.3 Peças de teatro

- **Hoje Avental, Amanhã Luva (1860)**
- **Queda que as mulheres têm para os tolos (1861)**
- **Desencantos (1861)**
- **O Caminho da Porta (1863)**
- **O Protocolo (1863)**
- **Teatro (1863)**
- **Quase Ministro (1864)**
- **Os Deuses de Casaca (1866)**
- **Tu, só tu, puro amor (1880)**
- **Não Consultes Médico (1896)**
- **Lição de Botânica (1906)**

2.4 Principais Romances

Romantismo

- **Ressurreição (1872)**

Machado de Assis começa sua carreira de romancista com um projeto anti-romântico num momento em que o gosto pela literatura sentimental e imaginosa domina o ambiente literário brasileiro. Sua tarefa consiste, portanto, não só em apontar e demolir os anacronismos, mas também atrair um público capaz de compreender a literatura moderna que pretende construir.

O romance apresenta um quadrilátero amoroso, pouco original: o advogado Meneses ama a jovem viúva Lívia, que ama o médico Félix, que corresponde ao amor da viúva, mas esta reluta em confessar seu amor pelo médico porque sua grande amiga, Raquel, por ele é perdidamente apaixonada. Assim, a consumação do amor entre a jovem viúva e o herói pouco ambicioso, enriquecido por uma inesperada herança, é procrastinada pela lealdade de Lívia à amiga Raquel.

Quando o casamento de Félix e Lívia é finalmente marcado, o impedimento para a sua realização materializa-se na figura do vilão Luís Batista, aparentemente autor da carta que Félix recebe às vésperas do casamento, com revelações misteriosas que o levam a cancelar as bodas.

A história termina com a união feliz de Raquel e Meneses e com o sofrimento de Lívia e Félix, isolados e solitários.

Ressurreição, embora contenha todos os elementos românticos, com os encontros e desencontros amorosos, casamentos postergados, vilão dissimulado e insidioso, o narrador imprime uma desaceleração ao andamento da trama, reduzindo a movimentação dramática que seria de se esperar de uma narrativa mais convencional, alocando-a na consciência atormentada de Félix.

Uma das questões centrais que o livro coloca por meio de Félix, é que o sofrimento e o destino infeliz não têm qualquer lastro na realidade objetiva pois, ainda que se considere a vilania de Luís Batista, autor da carta que separa os amantes, o mal que os consome não se traduz numa força externa, mas está interiorizado em Félix, como característica de sua perturbação mental, fragilidade e do seu caráter pusilânime e ciúme doentio.

É, portanto, a natureza psíquica do personagem que inviabiliza a sua felicidade, e não as artimanhas do vilão. Pouco importa a conduta de Luís Batista

diante da verossimilhança das alucinações produzidas pelo ciúme de Félix, “cujo espírito só engendrava receios e dúvidas” (Ressurreição - capítulo XII).

Embora denuncie a inverdade do universo romântico, o livro termina em nota edificante, ao concluir que, sem ilusão e confiança não há felicidade, já que a razão última da infelicidade de Félix consiste no fato de seu coração ter esquecido “na sepultura o sentimento da confiança e a memória das ilusões” (1872).

Primeiro romance de Machado de Assis, publicado em 1872, *Ressurreição* foi uma obra bem recebida pelo público e pela crítica da época. Pode ser considerada uma obra importante, seja por contribuir na construção da incipiente tradição romancista brasileira, seja por inserir nela uma nova temática centrada no indivíduo.

Ao propor o estudo da alma humana como alvo de sua narrativa, ele anunciou um tipo de análise psicológica que apenas os realistas europeus vinham realizando. Seu enredo propõe foco na complexidade psicológica do protagonista, Félix, em detrimento das tão mencionadas paisagens da cor local, elaboradas nas produções românticas. A representação da realidade em *Ressurreição* é superficial, exatamente por se constituir mediante a relação entre o narrador, que cria um ambiente movediço, e a dissimulação de Félix, gerada por sua complexidade.

A recepção deste romance causou certo embaraço na recente crítica literária carioca, da segunda metade do século XIX, pois ao mesmo tempo que captava a complexidade psicológica do protagonista, reclamava certo nacionalismo e vivacidade nas cenas de paixão.

- **A mão e a luva (1874)**

Anteriormente influenciado pelo romantismo, que rondava ainda sobre a época, ao final do século XIX, Machado de Assis fez em “A mão e a luva” algo que posteriormente não adotaria. Mesmo precocemente, Machado já demonstrava uma posição sobre algumas de suas características que se firmaram mais ao longo de sua carreira, como o notável uso da linguagem sarcástica.

A obra gira em torno de Guiomar, uma jovem órfã bastante ambiciosa e humilde que decide, de forma determinada, o alcance de seus objetivos materiais, sua ambição pela posição social e fortuna. Durante a trama, ela é “disputada” por três jovens rapazes com estereótipos tradicionais. Estevão, que faz a linha romântica, é sensível e apaixonado. Entretanto, Machado o apresenta de uma forma ridícula, o que traz em sua aparição na obra, um teor simplista e diminuto. Luís Alves, grande amigo

de Estevão, e que, inicialmente, não apresenta interesse por Guiomar, passa a vê-la com outros olhos quando entende o gênio ambicioso da moça. Essa percepção faz com que o jovem compreenda seus motivos, e isso o encanta, pois ele é também um ambicioso puro. Jorge é o tipo pastelão, tem interesse pela moça, mas é de certa forma indiferente. Sua personalidade é vazia e simples, não tem grandes planos de vida e dá, durante a trama, uma sensação de inércia. Guiomar, que fazia de tudo para agradar sua madrinha, uma rica baronesa, não imaginava que esta preferia, dentre os três, Jorge, que era da família. No entanto, por nunca ter se mostrado ausente ou feito algo errôneo, a velha baronesa confiava e botava créditos no sobrinho, pois era uma boa pessoa. A ambiciosa afilhada não queria se casar nem com Estevão, que aos seus olhos, parecia algo patético, nem com Jorge. Nenhum dos dois despertava a curiosidade de Guiomar, exceto Luís Alves. Para ela, o jovem rapaz parecia misterioso, mas ao mesmo tempo astuto, sabia o que falar e como falar, admirava-o pela sua esperteza.

Entre o desejo do coração e a ambição, Guiomar encontrou em Luís Alves as duas coisas. Um homem que desejava poder social e político, e alguém que a amava pelos mesmos motivos que a fazia amá-lo. A união entre eles parecia a perfeição e durante toda a obra, já se via esse final. Porém, o intuito de Machado não era criar algo inesperado, mas sim, demonstrar as características de se fazê-lo assim, previsível. “A mão e a luva” não é o tipo de narrativa em que se observa como os fatos se desencadeiam, mas com que propósito. E o que ele mostra é que entre Guiomar e Luís Alves havia a verdadeira sintonia, o encaixe perfeito que uma mão consegue ao colocar uma luva.

O livro veio em formato de folhetim, tipicamente utilizado no século XIX, quando a imprensa brasileira se instalava com força no país.

- **Helena (1876)**

“Helena” teve sua publicação em 1876, em folhetim de O Globo. Este é um romance que supera a arte da estética romântica, causando a expressão do realismo interior que busca o trágico da protagonista central da obra.

As descrições apresentadas por Machado de Assis são constituídas de interrupções e mistérios que envolvem a vida da personagem. Esta obra foi um diferencial na fase da carreira de Machado, pois nota-se a fuga do romance exagerado e melancólico.

O drama de Helena não se limita somente à personagem, pois retrata a situação vivida pela grande maioria das mulheres daquela época, que estavam sujeitas às vontades de seus senhores, com planos de formação de um lar, casamento e até mimos para seus senhores. Já Helena não tinha tais pretensões. Entretanto, o que predomina em sua personalidade são os mistérios. Para isso, Machado já inicia o romance com um suspense: a morte fulminante do Conselheiro Vale. Trata-se de um excelente recurso narrativo, muito usado pelo escritor (logo o veremos em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*) capaz de bem integrar o leitor à trama e garantir os anseios de ambos (narrador e leitor) até as últimas linhas do desfecho ou conclusão final. Quanto às personagens, o que dizer da figura incontestável de Helena? Em nível de crítica é mais enriquecedor falar do seu perfil filosófico, que do psicológico. Isso porque o eu psíquico de Helena é totalmente plano, em nenhum momento ele é abalado, ou o é apenas obrigatoriamente, para que o texto tenha os requisitos básicos de um romance romântico.

Quanto ao perfil filosófico da personagem, na medida em que avançamos no texto, percebemos que Helena é levada a uma superioridade que transcende ao plano narrativo de ficção e passa para o universal. Helena parece trazer consigo uma realidade confinada no “plano das ideais”, uma espécie de platonismo interpretativo. O mundo verdadeiro para ela apenas existe na sua ideia. Talvez isso possa bem explicar, não só seu desfecho, mas também toda a estória.

- **Iaiá Garcia (1878)**

Realismo

- **Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881)**

A história é narrada por Brás Cubas, um defunto autor que após narrar sua morte e funeral começa a contar a sua vida. Conta a infância, as travessuras, o primeiro namoro com Marcela (interesseira e bela, fica pobre e feia), um namoro com Eugênia (que acaba pobre) e mais tarde seu noivado com Virgília, que se casa com outro, tornando-se, mais tarde, amantes, com a colaboração de Dona Plácida (que também morre pobre). O romance entre Brás Cubas e Virgília termina quando Dona Plácida viaja para o Norte com o marido. Conta então seu reencontro com o amigo Quincas Borba (primeiro na miséria, depois rico, depois miserável e louco), o qual lhe expõe sua filosofia, o Humanitismo.

Cubas passa a seguir o Humanitismo. Já deputado, não se reelege nem se torna ministro, mas funda um jornal de oposição baseado no Humanitismo. Mais velho se volta para a caridade e morre logo após criar um emplasto que curaria a hipocondria e lhe traria fama.

Ao contrário do romantismo, os personagens e as paisagens não são importantes nesta obra. O centro das atenções é a maneira de contar a história e a forma como a realidade é vista. O mundo interior dos personagens é trazido para o primeiro plano. Isso ocorre em 145 capítulos curtos, alguns célebres, como o 7º, intitulado "O Delírio". Brás Cubas conta a sua história a partir da morte, do final para o começo, amargurado por ter passado pela vida com dinheiro, mas sem aquilo que mais desejava: o reconhecimento público. No amor, também havia sido rejeitado. Virgília, presente em seu enterro, o trocara por Lobo Neves, mas depois fora sua amante.

Instaura-se, assim, o tema da hipocrisia, constante na prosa machadiana. Aos 17 anos, por exemplo, Brás conhece Marcela, prostituta espanhola radicada no Rio de Janeiro, a quem enche de presentes com o dinheiro paterno. Indignado com a descoberta de que seu dinheiro estava sendo usado com esse fim, o pai envia o protagonista para estudar na Europa, de onde retorna bacharel. Anos mais tarde, reencontra Marcela, desgastada pelo tempo implacável e dona de uma pequena loja.

No último capítulo, significativamente chamado "Das Negativas", existe um balanço, claramente negativo da passagem pela vida, que termina com a famosa afirmação "Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria". Trata-se de uma afirmação forte, escrita por um irônico narrador, como o próprio Machado, conhecido como o Bruxo do Cosme Velho, pelo seu mágico poder de lidar com as palavras.

- **Quincas Borba (1891)**
- **Dom Casmurro (1899)**
- **Esaú e Jacó (1904)**
- **Memorial de Aires (1908)**

3 O INTERTEXTO BÍBLICO NO ROMANCE ESAÚ E JACÓ

O título da obra é extraído da seguinte narrativa bíblica, do Velho Testamento:

“Isaque orou ao SENHOR por sua mulher, porque ela era estéril; e o SENHOR lhe ouviu as orações, e Rebeca, sua mulher, concebeu. Os filhos lutavam no ventre dela; então disse: Se é assim, por que vivo eu? E consultou ao SENHOR. Respondeu-lhe o SENHOR: Duas nações há no teu ventre, dois povos, nascidos de ti, se dividirão: um povo será mais forte que o outro, e o mais velho servirá ao mais moço. Cumpridos os dias para que desse à luz, eis que se achavam gêmeos no seu ventre. Saiu o primeiro, ruivo, todo revestido de pêlo; por isso, lhe chamaram Esaú. Depois, nasceu o irmão; segurava com a mão o calcanhar de Esaú; por isso, lhe chamaram Jacó. Era Isaque de sessenta anos, quando Rebeca lhos deu à luz. Cresceram os meninos. Esaú saiu perito caçador, homem do campo; Jacó, porém, homem pacato, habitava em tendas. Isaque amava a Esaú, porque se saboreava de sua caça; Rebeca, porém, amava a Jacó.” (Gênesis 25.21-28).

Machado de Assis não escolhe por acaso o título de sua obra *Esaú e Jacó*. A história bíblica trata originalmente da narrativa do nascimento dos gêmeos que viveram no período dos patriarcas veterotestamentários, filhos de Isaque e Rebeca.

A ponte de contato entre a obra de Machado de Assis e a narrativa bíblica está na semelhança dos fatos.

3.1. A estrutura do romance

O desenvolvimento da ação no romance gira em torno da rivalidade crescente entre Pedro e Paulo, principalmente no que concerne à disputa de ambos para conquistar o amor de Flora, apaixonada pelos irmãos, e que caracteriza a indecisão, marca registrada da obra machadiana.

O tema central da narrativa envolve quatro personagens principais: Pedro, Paulo, Flora e o Conselheiro Aires.

Pedro e Paulo, nascidos de um mesmo útero, mas diferentes por natureza, a inatingível Flora, que não se decide por nenhum dos dois e, como intermediador e guia dos três personagens, o Conselheiro Aires, que ocupa a posição central do triângulo amoroso.

Conselheiro Aires é um personagem instigante que contracenava com Natividade, mãe dos gêmeos Pedro e Paulo. Os personagens, apesar de terem na aparência semelhança quase que absoluta, discordam em quase tudo na vida, principalmente na política, que é o assunto dominante de Machado de Assis nesse romance.

Apesar de estarem em campos opostos, os gêmeos cortejam o amor de Flora. O romance torna-se uma peça artística de beleza singular quando Machado estabelece a trama onde os iguais são opostos e concorrentes.

Para John Gledson, Esaú e Jacó “é diferente de todos os outros romances que Machado escreveu” (GLEDSON, 198. p.161). A marca distintiva em Esaú e Jacó está justamente na ambiguidade, tanto dos personagens quanto da narrativa, que nesse caso é do próprio Machado de Assis, e pode ser identificada na figura do Conselheiro Aires, considerado o seu alterego, que além de ser um personagem narrador, é descrito por um terceiro, que no caso é o escritor Machado de Assis, o qual, curiosamente, não se apresenta como autor do livro, mas afirma que a origem da obra foi a descoberta dos manuscritos do Conselheiro Aires, após sua morte, como ele mesmo afirma em sua “Advertência”, costume adotado em várias de suas obras.

Apesar de ter sido publicado apenas em 1904, os fatos aos quais o romance se refere vão de 1855 a 1890, período de ebulição social e política no Brasil; a economia do café, a extinção do trabalho escravo e o emprego de mão-de-obra livre eram temas frequentes.

O propósito central da narrativa de Machado de Assis é chamar atenção para a questão da transição do Império em República, vivida em seus dias. De um lado o Império, que governara o Brasil com mão de ferro, de outro a República, que prometia liberdade e independência. Ambos eram irreconciliáveis em sua natureza. Certo é que ambos os regimes estão lutando pelo mesmo ideal: o Brasil, representado alegoricamente pela personagem Flora, amada pelos gêmeos, mas que morre sem se decidir por nenhum dos dois.

Apesar de haver no Brasil vários assuntos pertinentes à política, tais como os ligados à escravatura e ao encilhamento – crise financeira ocorrida entre o final da

Monarquia e o início da República, durante o governo provisório de Deodoro da Fonseca (1889-1891) –, a preocupação central do autor era a Proclamação da República, onde se vê claramente uma crítica contundente, ora seus personagens apoiando, ora combatendo.

De todos os trabalhos de Machado de Assis, *Esaú e Jacó* é a obra em que mais acentuou a questão sócio-política. Além dessas questões, outra disputa caminha paralelamente: a conquista pelo amor de Flora, que morre sem se decidir por nenhum dos gêmeos.

Pedro e Paulo elegem-se deputados e são rivais na tribuna, apenas se reconciliando com um novo juramento de amizade, feito junto ao leito de morte da mãe.

O romance *Esaú e Jacó* é impregnado de descrições pormenorizadas, aspecto característico do movimento realista. Enquanto no Romantismo a preocupação está na imaginação, criando assim um mundo ideal, o Realismo se preocupa com a realidade e a veracidade dos fatos.

A título de ilustração, foi escolhido o seguinte relato religioso em *Esaú e Jacó*, a fim de demonstrar como um autor realista se comporta, mesmo diante de uma impossibilidade vivida por personagens criados:

“O doutor foi à estante e tirou uma Bíblia, encadernada em couro, com grandes fechos de metal. Abriu a Epístola de S. Paulo aos Gálatas, e leu a passagem do capítulo II, versículo 11, em que o apóstolo conta que, indo a Antioquia, onde estava S. Pedro, ‘resistiu-lhe na cara’. Santos leu e teve uma idéia. As idéias querem-se festejadas, quando são belas, e examinadas, quando novas; a dele era a um tempo nova e bela. Deslumbrado, ergueu a mão e deu uma palmada na folha, bradando: - Sem contar que este número onze do versículo, composto de dous algarismos iguais, 1 e 1, é um número gêmeo, não lhe parece? - Justamente. E mais: o capítulo é o segundo, isto é, dous, que é o próprio número dos irmãos gêmeos. Mistério engendra mistério. Havia mais de um elo íntimo, substancial, escondido, que ligava tudo. Briga, Pedro e Paulo, irmãos gêmeos, números gêmeos, tudo eram águas de mistério que eles agora rasgavam, nadando e bracejando com força. Santos foi mais ao fundo; não seriam os dous meninos os próprios espíritos de S. Pedro

e de S. Paulo, que renasciam agora, e ele, pai dos dous apóstolos?... A fé transfigura; Santos tinha um ar quase divino, trepou em si mesmo, e os olhos, ordinariamente sem expressão, pareciam entornar a chama da vida. Pai de apóstolos! E que apóstolos! Plácido esteve quase, quase a crer também, achava-se dentro de um mar torvo, soturno, onde as vozes do infinito se perdiam, mas logo lhe acudia que os espíritos de S. Pedro e S. Paulo tinham chegado à perfeição; não tornariam cá. Não importa; seriam outros, grandes e nobres. Os seus destinos podiam ser brilhantes; tinha razão a cabocla, sem saber o que dizia.” (COUTINHO, 1997, p. 975).

3.2. Contexto religioso

Muito embora o presente trabalho tenha como objetivo focar a relação textual entre o romance *Esaú e Jacó* e a Bíblia, faz-se necessário lembrar que existem outras narrativas religiosas registradas na obra, dentre as quais pode-se destacar o espiritismo, ocultismo, catolicismo e algumas alusões ateístas.

O romance *Esaú e Jacó* concentra em suas páginas uma quantidade considerável de alusões ao catolicismo.

A Bíblia é recorrente na vida dos personagens de Machado de Assis, os quais, em sua grande maioria, são católicos devotos, fato que pode contribuir com a tese de que a Bíblia era conhecida e lida naquela época.

A tese aqui proposta é verificar como Machado percebia o meio religioso dos seus dias e como ele, utilizando da arte literária, ora descrevia, ora modificava.

A obra *Esaú e Jacó* sempre vai além do que é dito. Machado cria uma verdadeira alegoria, onde o que é dito é apenas um símbolo do real, que, no caso da obra, é a nação brasileira. Machado de Assis utilizou-se do recurso da paralipse (escassez de dados) ao invés da paralepse (excesso de dados), recurso marcante na obra machadiana, com o fito de criar o clima de curiosidade no leitor, fazendo-o procurar o verdadeiro sentido da obra.

A fim de ilustrar a técnica, verificam-se apenas dois momentos religiosos que caracterizam o seu estilo.

Logo no início da obra, lê-se a narrativa de duas personagens do romance: Natividade e Perpétua, as quais se deslocam do chique bairro de Botafogo com

destino ao Morro do Castelo, para fazer uma consulta com uma adivinha de nome Bárbara. A cena é repleta de religiosidade, como que querendo descrever o ritual de penitência:

(...) O íngreme, o desigual, o mal calçado da ladeira mortificavam os pés às duas pobres donas. Não obstante, continuavam a subir, como se fosse penitência, devagarinho, cara no chão, véu para baixo. A manhã trazia certo movimento; mulheres, homens, crianças que desciam ou subiam, lavadeiras e soldados, algum empregado, algum lojista, algum padre, todos olhavam espantados para elas, que aliás vestiam com grande simplicidade; mas há um donaire que se não perde, e não era vulgar naquelas alturas (COUTINHO, 1997, p. 947).

Percebe-se que há um deslocamento intencional do autor em descrever o ato de subir ao morro para uma consulta com relação ao rito de penitência comum na prática religiosa. Nesse caso, o próprio autor indica a semelhança entre a ação de seus personagens e a prática católica na expressão “como se fosse penitência”:

(...) Era uma criaturinha leve e breve, saia bordada, chinelinha no pé. Não se lhe podia negar um corpo airoso. Os cabelos, apanhados no alto da cabeça por um pedaço de fita enxovalhada, faziam-lhe um solidéu natural, cuja borla era suprida por um raminho de arruda. Já vai nisto um pouco de sacerdotisa. O mistério estava nos olhos. Estes eram opacos, não sempre nem tanto que não fossem também lúcidos e agudos, e neste último estado eram igualmente compridos; tão compridos e tão agudos que entravam pela gente abaixo, revolviam o coração e tornavam cá fora, prontos para nova entrada e outro revolvimento. (OBRAS COMPLETAS, 1993, p. 948).

3.3. Comparativo da obra com a Bíblia

Com o seguinte quadro comparativo tem-se o propósito de demonstrar a forma como Machado de Assis utilizou a Bíblia em sua obra.

Registre-se, ainda, que além dos textos apresentados no quadro, há outras passagens que fazem alusão ao mundo bíblico que não foram aqui colocadas, como, por exemplo, referências ao Credo Apostólico e também expressões tais como “Juro por Deus nosso Senhor” e “Fora com diagramas! Tudo irá como se realmente visses jogar a partida entre pessoa e pessoa, ou mais claramente, entre Deus e o Diabo” e outros textos dessa natureza que também não foram catalogados.

Esaú e Jacó ----- Bíblia

<p>CAPÍTULO III/ ESMOLA DA FELICIDADE</p> <p>Viu um mendigo que lhe estendia o chapéu roto e sebento; meteu vagarosamente a mão no bolso do colete, também roto e aventou uma moedinha de cobre que deitou ao chapéu do mendigo, rápido, às escondidas, como quer o Evangelho.</p>	<p>Mateus 6:1-4</p> <p>Guardai-vos de exercer, a vossa justiça diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles; doutra sorte, não tereis galardão junto de vosso Pai celeste quando, pois, às deres esmola, não toques trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas, para serem glorificados pelos homens.</p> <p>Em verdade vos digo que eles já receberam recompensas. Tu, porém, ao dares a esmola, ignore a tua mão esquerda o que faz a tua mão direita; para que tua esmola fique em secreto; o teu pai, que vê em secreto, te recompensará.</p>
---	---

Esaú e Jacó ----- Bíblia

<p>CAPÍTULO VI / MATERNIDADE</p> <p>Eis aí vinha a realidade do sonho de dez anos, uma criatura tirada da coxa de Abraão, como diziam aqueles bons judeus, que a gente queimou mais tarde, e agora empresta generosamente o seu dinheiro às companhias e às nações.</p>	<p>Lucas 19:1-10</p> <p>Entrementes, Zaqueu se levantou e disse ao Senhor: Senhor, resolvo dar aos pobres a metade dos meus bens; e, se nalguma coisa tenho defraudado alguém, restituo quatro vezes mais.</p> <p>Então, Jesus lhe disse: Hoje, houve salvação nesta casa, pois que também este é filho de Abraão.</p> <p>Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido.</p>
--	--

Esaú e Jacó ----- Bíblia

<p>CAPÍTULO XV / “TESTE DAVID CUM SIBYLLA”</p> <p>Já o fato de se chamarem Pedro e Paulo indicava alguma rivalidade, porque esses dois apóstolos brigaram também.</p>	<p>Gálatas 2:11-21</p> <p>Quando, porém, Cefas veio a Antioquia, resisti-lhe na cara porque era repreensível.</p>
--	--

Tanto os aspectos sociais como os religiosos são encontrados em abundância em Esaú e Jacó. Quanto à questão religiosa, é preciso lembrar que no período da obra em questão o governo passava por uma crise profunda, não só nas questões políticas e militares, mas também no campo religioso, a qual ficou conhecida como Questão Religiosa, caracterizada por marcas profundas das últimas duas décadas da monarquia, principalmente quando da Guerra do Paraguai, momento em que a coroa ficou em grande dificuldade.

O centro da questão religiosa girou em torno dos poderes temporais e espirituais no Brasil. Vê-se, aí, grandes questionamentos à Igreja daqueles dias. A força maçônica ganhou vários adeptos, tanto da coroa quanto do povo. Regente Feijó fizera forte oposição ao celibato sacerdotal, o que causou grande luta contra Roma. O envolvimento do Imperador nas controvérsias políticas e religiosas trouxe enfraquecimento do poder real.

Diante desse pano de fundo se dá a atmosfera religiosa nos dias de Machado de Assis. A religião não era apenas uma das áreas a ser considerada pelo regime, mas uma das causadoras das transformações sociais de sua época.

Quanto às convergências morais dos irmãos, ao analisar os aspectos psicológicos de seus personagens, o narrador propõe a imagem de um tabuleiro de xadrez como diagrama em potencial para ilustrar as disputas travadas pelos gêmeos. De qualquer forma, ele deixa claro que ali se distinguem as peças do jogo apenas pelas cores: pretas e brancas, mas afirma serem os mesmos os movimentos de cada uma. Cada jogador seria assim representado por um dos gêmeos, os quais não se diferenciariam de fato, já que seus movimentos são iguais. Portanto, o jogo avança sem que haja qualquer previsão de ganhos e perdas ou, metaforicamente, a evidente opção de escolha, já que qualquer um dos dois contendores pode sair como o vencedor das partidas, “e assim vai o mundo” (EJ, p. 40).

4 CONTOS MACHADIANOS

"Os acontecimentos humanos dependem de circunstâncias fortuitas e indiferentes. Chame a isto acaso ou providência; nem por isso a coisa deixa de existir".

Machado de Assis

O conto atingiu seu ponto mais alto com Machado de Assis, que mostrou grande talento para a história curta e deixou rica produção de contos, em sua maioria, publicados pela primeira vez em jornais e revistas. Em seus contos revelou forte preocupação com a análise humana.

Uma das mais importantes características da prosa de Machado de Assis é a forma contraditória de apreensão do mundo. Os contos machadianos revelam uma sociedade habitada por seres solitários capazes de alcançar tão somente uma felicidade mesquinha e a vida se desenvolve escapando ao controle dos personagens.

As personagens femininas ocupam um lugar de destaque nos contos machadianos, pois mostram as ambiguidades típicas do universo feminino e em geral são mulheres com complexidade psicológica intensa.

O modo de ver o mundo por Machado de Assis é o mesmo em seus romances e contos, porém estes últimos apresentam uma forma resumida, porém complexa, de sua interpretação da sociedade.

4.1 Análises sintetizadas

O Espelho

O conto O Espelho foi publicado originalmente na Gazeta de Notícias, em 1882, e se tornou livro no mesmo ano, intitulado Papéis Avulsos. Nele, Machado de Assis esboça uma nova teoria da alma humana, um estudo sobre o espírito contraditório do homem, e tem como tema a alma humana, metaforizada no espelho.

Carregado de simbolismo e significados que vão da filosofia à mitologia, o espelho é um antigo tema ligado à alma, e neste conto representa a alma exterior de Jacobina, personagem principal da narração. O conto trata da dualidade da alma, da alma externa e da alma interna, do homem como um ser controvertido, dividido entre o consciente e o inconsciente. Neste conto, o autor ironiza a sociedade da época em uma das mais arraigadas crenças do povo cristão, que é a existência de uma única alma portadora de expressão única e inabalável.

Ao escrevê-lo, Machado de Assis lança a ideia de que o indivíduo está sujeito a duas almas. Segundo ele, o ser possui uma alma interna, a qual "olha de dentro para fora" transmitindo seus anseios particulares e valorizando sua consciência individual. Além disso, há uma alma externa, que "olha de fora para dentro", composta de valores alheios ao indivíduo que são, porém, indispensáveis para a sua concepção. Machado exemplifica: "*a alma exterior daquele judeu (Shylock) eram seus ducados; perdê-los equivalia a morrer*". O conto em questão tem início e fim com o foco narrativo em terceira pessoa.

A Missa Do Galo

Conto publicado em 1889, no livro *Páginas Recolhidas*, se desenrola consistentemente no nível do suspense. O narrador do conto Missa do Galo é Nogueira, um rapaz de dezessete anos de idade que veio ao Rio de Janeiro para o que chama de estudos preparatórios e acabou prolongando sua estada na Corte a fim de assistir à Missa do Galo. O escrivão Meneses, mesmo casado com dona Conceição, uma santa, segundo o narrador, mantinha um caso extraconjugal com uma mulher separada do marido. Na casa todos sabiam, inclusive sua esposa. Uma vez por semana Meneses encontrava-se com a amante.

A noite de Natal foi uma dessas ocasiões. O adultério declarado do marido de Conceição propiciava condições para que ela própria desejasse também prevaricar. Assim aconteceu o encontro premeditado por ela, ao que tudo indica, com o jovem Nogueira, enquanto este, em casa, esperava a hora da Missa do Galo. Ele, por ingenuidade e inexperiência, não chegou a captar exatamente as intenções da pacata e traída Conceição. Ela, por sua roupa, seus gestos, suas atitudes, seu andar e suas frases ambíguas, parecia disposta a seduzir o estudante ingênuo. No entanto, nenhum envolvimento explícito aconteceu entre eles. Ao final, Nogueira conta que, no

ano seguinte, o escrivão Meneses morreu de apoplexia. Quanto à Conceição, casou-se novamente logo depois com o escrevente juramentado do marido.

Missa do galo é um conto que não nos traz revelações surpreendentes, porém, como é próprio do autor, está carregado de reflexões do fundo da alma, mostrando-nos as várias faces do comportamento humano. É um traço doce e melancólico sobre a relação homem-mulher. Ele faz questão de mostrar o cenário e através dele nos envolve, mesmo sem descrever as suas personagens, traço característico do Naturalismo. Ele prefere descrever o lado psicológico delas e isso faz uma ruptura entre o que é real e o que é psicológico. É considerado moderno justamente por criar essa atmosfera de flagrante do cotidiano.

Um Apólogo

No texto “Um apólogo”, podemos identificar um duelo entre uma linha e uma agulha, que discutem para saber qual é a mais importante na costura de um vestido. Na história, a agulha representa uma pessoa que quer chamar a atenção de alguém que não demonstra ter responsabilidade, porém acaba mal, pois ela não vai ao baile, mesmo pensando ter feito o trabalho mais difícil na construção do vestido. A linha (novelo) representa uma pessoa que se importa com o que as outras pessoas em seu meio social dizem e acaba realizando o que todos consideram importante, o fato de acompanhar a dona do vestido na festa. O alfinete demonstra psicologicamente alguém que percebe o resultado da situação e quer ajudar e mostrar o resultado disto, ou seja, de a agulha estar sendo aproveitada pela linha. Estas personagens, embora inanimadas, retratam uma situação real que é vivida entre membros da sociedade atual. Indivíduos que disputam incessantemente por status, por um lugar de destaque no meio em que estão inseridos.

O conto de Machado de Assis, ao personificar os objetos, simboliza diferentes formas de pensamento. A agulha como uma pessoa que canta a vitória antes da hora e que se preocupa bastante com as atividades dos outros. A linha como uma pessoa tranquila que faz seu trabalho, não se deixando influenciar pelo que as outras pessoas falam. Verifica-se que a intenção do escritor é fazer com que os leitores se identifiquem com seus personagens, constatando em si mesmos as características representadas no conto.

5 O INÍCIO DO REALISMO

O Realismo foi um movimento artístico que se manifestou na segunda metade do século XIX. Caracterizou-se pela intenção de uma abordagem objetiva da realidade e pelo interesse por temas sociais. O engajamento ideológico fez com que muitas vezes as formas e as situações descritas fossem exageradas para reforçar a denúncia social.

Durante o período de passagem do Romantismo para o Realismo, o Brasil sofreu inúmeras mudanças na história econômica, política e social. O Realismo encontrou uma realidade propícia para a ascensão da literatura, já que escritores como Castro Alves e José de Alencar haviam preparado o terreno. O país tinha vivenciado fatos importantes como a Guerra do Paraguai (1864 – 1870), a campanha abolicionista e o fortalecimento da economia agrária. A queda da escravidão e do Império criou uma nova realidade no país; a vida social e cultural tornou-se mais ativa, ambas influenciadas por ideais europeus, tais como liberalismo, socialismo, positivismo e cientificismo.

Machado de Assis foi o escritor que inaugurou o Realismo na literatura brasileira. Os romances *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891) e *Dom Casmurro* (1899), além dos contos *Papéis Avulsos* (1882), *Histórias sem Data* (1884), *Várias Histórias* (1896) e *Páginas Recolhidas* (1899), entre outros, revelam o autor em sua plenitude. O espírito crítico, a grande ironia, o pessimismo e uma profunda reflexão sobre a sociedade brasileira são as suas marcas mais características.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve por objetivo apresentar a biografia, fortuna crítica e obras literárias do escritor Machado de Assis, figura que representa grandiosamente a literatura brasileira.

Com o desenvolvimento da análise de algumas de suas obras, podemos observar como Machado de Assis descreve o perfil social de sua época, mostrando as características reais dos indivíduos através de seus personagens.

Neste trabalho podemos notar a inteligência de Machado de Assis ao abordar temas complexos da época, de uma forma sutil e crítica, não atingindo nenhum indivíduo de uma forma particular.

Esta pesquisa enriquece o conhecimento da história do nosso meio social da época contextualizada até a atualidade. Sendo assim, através de suas obras conseguimos entender de uma forma mais rica e detalhada a sociedade da época, identificando a complexidade de uma sociedade que ao mesmo tempo em que difere também se assemelha com a sociedade atual, fruto da sagacidade de Machado de Assis.

A análise da obra Esaú e Jacó se desenvolveu por intermédio da observação e da comparação de trechos com passagens bíblicas. Nela desenvolve-se outra abordagem de um tema social da época e que é demonstrado em nosso meio até os dias de hoje, a saber, a disputa pelo poder e as disputas familiares.

Machado de Assis deixou esse enorme legado que nos permite o enriquecimento literário, com sua forma de representação de seus personagens, indivíduos tão reais com suas características e imperfeições do caráter humano. Sem dúvida, a genialidade literária deste grande nome da nossa literatura será continuamente ressaltada como indispensável ao conhecimento e aprendizado da atualidade e das futuras gerações.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Luiz Antonio, **Almanaque Machado de Assis**, 2008.

ASSIS, Machado, Ressurreição, São Paulo, Martin Claret, 2005.

COUTINHO, Afrânio (Org.). **Machado de Assis: obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

ESAÚ E JACÓ. In **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

GLEDSOON, John. **Machado de Assis, Ficção e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

MARQUES FILHO, Teotonio. **Machado de Assis: Esaú e Jacó – resumo**. 16/03/2012.

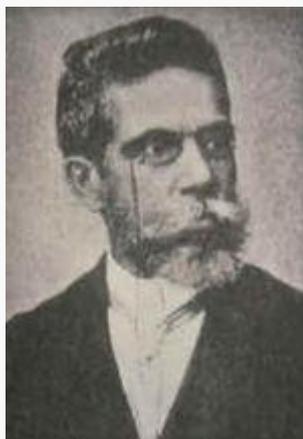
SCANTIMBURGO, João de. **Tratado geral do Brasil**, São Paulo, Pioneira, 2ª. Edição, 1978.

Seleção de Domício Proença Filho, Os melhores contos de Machado de Assis, 14ª ed. – São Paulo: Global, 2002.

<http://www.portrasdasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=resumos/docs/esauejaco:>

http://www.culturaacademica.com.br/_img/arquivos/Ressurreicao_e_o_romance_urbano_romantico-WEB.pdf

<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=2>

ANEXO**JOAQUIM MARIA MACHADO DE ASSIS**

Nascimento 21 de junho de 1839
Rio de Janeiro

Falecimento 29 de setembro de
1908
Rio de Janeiro

**Principais
ocupações** Funcionário público,
poeta, romancista,
contista, dramaturgo,
cronista e crítico
literário

Escola/tradição Romantismo e
Realismo